

O ideário urbano paulista na virada do século; o engenheiro Theodoro Sampaio e as questões territoriais e urbanas modernas (1886-1903)

*Maria Ângela Borges Salvadori**

COSTA, Luiz Augusto Maia. **O ideário urbano paulista na virada do século; o engenheiro Theodoro Sampaio e as questões territoriais e urbanas modernas (1886-1903)**. São Carlos, SP: RiMa; Fapesp, 2003. 404 p.

O nome “Theodoro Sampaio”, para muitos, é associado quase sempre a uma rua paulistana e à cidade do Pontal do Paranapanema conhecida principalmente pelos conflitos agrários. Contudo, quando se lê a obra em questão, aprende-se a entender quais razões motivaram tais homenagens, pois a vida do engenheiro Theodoro Sampaio (1855-1937) certamente o fez merecedor das mesmas. A admiração pela obra do engenheiro e o esforço em recuperar e compreender suas principais idéias são o objetivo do trabalho de Luiz Augusto Maia Costa. Trata-se de um livro que teve origem na dissertação de mestrado do autor, defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 2001, sob orientação da professora Maria Lúcia Caira Gitahy.

Uma primeira observação, neste sentido, diz respeito à necessidade de valorizar e destacar o esforço do autor na busca, levantamento e análise de fontes primárias datadas principalmente da segunda metade do século XIX e dos anos iniciais do século XX, datados especificamente entre 1886 e 1903. Tal empreendimento, bem sabem os historiadores, exige dedicação, habilidade e paciência. Trazer à tona, portanto, uma quantidade expressiva de documentos até então pouco conhecidos – documentos estes que sugerem pistas sobre como a cidade de São Paulo foi pensada e planejada por um grupo de “técnicos” ligados às elites cafeicultoras – é certamente um dos aspectos mais positivos do trabalho de Luiz Augusto, embora a pesquisa direta nos arquivos esteja mais presente nos capítulos iniciais do texto; nos capítulos finais, por várias vezes, há longas transcrições de documentos já recolhidos por terceiros, com ênfase na pesquisa bibliográfica. Em relação à questão dos documentos, cabe ainda uma outra observação: muitas vezes, o documento é utilizado por Luiz Augusto Maia Costa como prova, no sentido jurídico da palavra. Em alguns momentos, o autor chega a sugerir, pelo procedimento da transcrição exaustiva e quantitativa de fontes, que o documento praticamente “fala por si”; em outros, como nos capítulos que tratam da história de São Paulo naquele período, de alguns de seus personagens “ilustres”, das instituições públicas e de pesquisa, Costa recorre a um grupo de memorialistas cujos discursos devem ser considerados como um esforço pela construção de uma

imagem e de um passado gloriosos de São Paulo. Evidentemente, seria preciso um trabalho mais exaustivo de “desconstrução” desses documentos/monumentos, para usar a expressão cunhada por Le Goff.¹

Mas há muitos outros aspectos positivos no livro, entre eles, a clareza do autor em trabalhar projetos de engenharia e arquitetura como expressões de vontades políticas e de conflitos sociais, atitude fundamental quando se considera que, ainda hoje, parte significativa dos profissionais destas áreas defende que suas propostas são imparciais, “técnicas”, fruto de uma ciência descompromissada com a política e comprometida exclusivamente com um ideal de verdade. Ao mostrar que Theodoro Sampaio tinha um projeto político, ainda que a análise do mesmo por parte de Luiz Augusto Maia Costa possa parecer, por vezes, precipitada ou superficial – tal como ocorre na questão das posições de Sampaio em relação à escravidão, ao regime republicano e ao parcelamento de terras –, o autor fortalece a hipótese de que planejar espaços implica fazer escolhas que são sociais e políticas. E, ao tentar entender tais relações no final do séc. XIX e início do XX, demonstra que todo saber é político e, portanto, participante de relações de poder e resistência. A preocupação em tratar a engenharia e a arquitetura enquanto produções históricas é, certamente, um dos trunfos do livro.

Um outro aspecto que chama a atenção no trabalho se relaciona à própria vida de Theodoro Sampaio, um engenheiro negro, nascido na Bahia, especificamente em Santo Amaro da Purificação, formado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, monarquista, cujos estudos biográficos, até o momento, indicam ser fruto de um romance entre um padre que tinha problemas com o excesso de bebidas alcoólicas e uma escrava. Theodoro parece ter sido afastado da mãe desde o início de sua vida, e o referido sacerdote teve, de acordo com o levantamento feito por Luiz Augusto Maia Costa, um papel fundamental no sentido de viabilizar seus estudos secundário e superior. Com sua primeira esposa, falecida em 1920 após mais de uma década de demência, teve oito filhos, dois deles mortos prematuramente e um desaparecido; há, ainda, notícias vagas sobre outros três, nascidos de outros relacionamentos. Um de seus mais queridos amigos, Orville Dalbert Derby, naturalista de origem norte-americana, companheiro de trabalho,

* Endereço para correspondência:

E-mail: maria.salvadori@saofrancisco.edu.br

suicidou-se em 1915. Tais detalhes indicam uma vida difícil, e não é possível deixar de pensar sobre as relações entre a experiência pessoal do biografado, que parece tão melancólica, e sua obra.

Depois de um capítulo primeiro sobre a vida de Theodoro Sampaio, o livro de Costa se subdivide, ainda, em outros longos cinco capítulos que procuram, em síntese, apresentar o panorama do estado de São Paulo na virada do século XIX para o XX, o ideário urbano que povoava a mente dos engenheiros de então e as propostas para o planejamento territorial elaboradas pelo próprio Sampaio, particularmente para as cidades de São Paulo e de Santos. Esta estrutura seguida pelo autor para a composição da obra revela também uma concepção de história que merece ser discutida. Apesar de não se tratar de um trabalho historiográfico, é interessante observar que os seis capítulos do livro podem ser aglutinados, pelo leitor, em três momentos: a pessoa, suas idéias e o seu cenário. Tal composição indica uma concepção que se aproxima de uma tradicional história intelectual e que tem como consequência primeira uma supremacia do sujeito-autor sobre o seu mundo, como se o pensamento, por si só, a idéia, fosse evidência de mudança,² posição que implica, evidentemente, alguns riscos: uma concepção mais individualizada – e, por vezes, heróica – do sujeito histórico, a ausência de mediações e apropriações e, por fim, uma aproximação entre as noções de história e progresso. Em outros momentos, numa aproximação com as concepções estruturalistas mais tradicionais, Costa trata de Theodoro Sampaio como um reflexo de seu tempo e de sua sociedade:

o arquiteto, urbanista ou planejador, enquanto profissional (assim como enquanto ator social), desempenha papel relevante na reflexão crítica da realidade, na medida em que as idéias que sua obra expressa servem de índice do grau de desenvolvimento da sociedade em que está inserido [...]. (p. 9)

Assim, o engenheiro Theodoro Sampaio aparece ora como um homem singular, à frente de seu tempo, ora como um vetor de sua sociedade, particularmente das elites que, segundo Costa, ele representaria.

O trabalho de Costa permite ao leitor, ainda, acompanhar parte dos debates sobre as reformas urbanas que marcaram o cotidiano de São Paulo na virada do século. O autor recupera os debates a respeito da modernização das cidades e, nesse contexto, procura pontuar as influências recebidas pelos planejadores urbanos do Brasil em geral e por Theodoro Sampaio, em particular. Assim, segundo Costa, Sampaio é exemplar no sentido de se identificar momento em que as influências européias começam a ser superadas pela influência norte-americana,

processo que, segundo o autor, representa a passagem de um urbanismo mais artístico e de planos para um urbanismo mais pragmático que pensa o espaço fundamentalmente como mercadoria. Estas várias concepções são detalhadas no capítulo 3 e, neste trecho, Sampaio aparece como um engenheiro que, situado no lugar de interseção desses vários projetos, alia às questões da estética e da circulação – marcantes no urbanismo do séc. XIX – uma perspectiva do higienismo, defendendo o “sanitarismo microbiano” em oposição à anterior teoria dos miasmas. Neste ponto, aliás, reside uma outra questão a ser apontada: no livro de Costa, as reformas urbanas são trabalhadas, via de regra, da perspectiva do Estado e por vezes há uma certa distorção, considerando-se a produção historiográfica mais recente sobre o tema, a respeito do significado e do impacto das mesmas sobre as classes populares; à página 91, Costa afirma que “a modernidade assustava” esses grupos sociais que nem sempre compreendiam a necessidade da vacina. Na verdade, o que assustava as classes populares, despertando sua ira e revolta, era a violência do novo regime, que procura amparar-se e legitimar-se em uma concepção cientificista do mundo, divulgada como sinal de modernidade e civilidade. O episódio mais famoso desse processo, a revolta da vacina, não pode ser compreendido como reação de pobres incultos à medida governamental; do mesmo modo, a proibição dos cortiços pelos códigos de posturas de então não é explicável exclusivamente em função de questões sanitárias; naquele momento, estavam em conflito diferentes expectativas e projetos sociais, diferentes formas de ocupação e significação dos espaços.

Dois últimos apontamentos: é bastante interessante acompanhar a empreitada do autor para destacar que Theodoro Sampaio pautava suas propostas em uma concepção de planejamento territorial mais amplo, com base no qual o planejamento urbano era pensado. Nesse sentido, segundo o autor, os projetos de Theodoro Sampaio extrapolavam muito não só o espaço delimitado das cidades de São Paulo e Santos, mais estudados, mas também de Salvador. Sampaio tinha um projeto nacional, muito embora desse ao estado de São Paulo uma função de liderança e ordenamento desse projeto; Costa procura restabelecer as necessárias relações entre a parte e o todo, de modo que ações pontuais do engenheiro ganham dimensões mais amplas. O segundo apontamento se relaciona ao valor do trabalho no que se refere à possibilidade de conhecer e compreender melhor algumas das instituições de pesquisa mais importantes do Brasil entre finais do século XIX e início do XX – tais como as nascentes faculdades politécnicas, as comissões geográficas e geológicas e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – nas quais Sampaio trabalhou arduamente.

Por fim, ler o livro de Luiz Augusto Maia Costa é também conhecer melhor os processos que deram a algumas cidades contornos ainda hoje reconhecíveis.

Notas

¹ Le Goff, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas, SP:

Ed. da Unicamp, 1996. Tomam-se aqui, particularmente, as páginas 535 a 549.

² Aliás, esta é uma tradição bastante forte na própria história da educação que, por décadas, foi pensada como história das idéias pedagógicas sem que se considerassem as necessárias mediações entre tais idéias e as práticas e representações sociais.

Sobre a autora:

Maria Ângela Borges Salvadori é doutora em Educação (FE-Unicamp) e professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco.

